

"Estamos no olho do furacão", na avaliação de Pastore.

ECONOMIA
BRASIL

26 MAR 1987

JORNAL



Estamos no olho do furacão. Em volta de nós, ele está correndo solto. E quando se mover, ele nos pega.

A imagem é do economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, falando a uma platéia de 350 executivos financeiros em almoço promovido ontem em São Paulo pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (Ibef). Numa análise contundente, Pastore admitiu a hipótese de o Brasil dar uma nova cartada, "que desconhecemos". Sem essa cartada, o País está fazendo a política do Fundo Monetário Internacional sem procurar a instituição. "Estou aguardando que a autoridade venha a público esclarecer o que faz", declarou o economista.

Na avaliação do ex-presidente do Banco Central, o Brasil tem graves problemas relativos à inflação, ao produto e ao ajuste externo. E a solução do problema externo passa pelo encaminamento da política doméstica — ou seja, pela política fiscal e pela política monetária — e por uma desvalorização do cruzado. O cruzado, mostrou o economista, valorizou-se em relação ao dólar (a sobrevalorização que estima é de 25%) e também não está ajustado em relação às moedas fortes européias e ao iene, embora essas moedas tenham-se beneficiado da desvalorização do dólar. "Ao vender para a Europa e o Japão, o Brasil concorre com os demais países exportadores. Aí, ou dá redução do preço ou não exporta." E, para arrumar a política econômica, não bastaria desvalorizar o cruzado, mas simultaneamente impedir que as políticas monetárias e fiscal sejam expansionistas.

Pastore defendeu juros reais positivos mas não ao nível de janeiro e fevereiro últimos, quando se viveu uma fase de "moneta-

rismo atroz", em face dos erros de captação de preços do índice calculado pela Fundação IBGE. "Índices melhor construídos, como o da Fipe, já haviam captado antecipadamente os ágios, tanto que mostraram no início deste ano inflações menores que as do IBGE", afirmou.

A partir de abril, com o pagamento do Imposto de Renda devido na declaração, o economista prevê substancial queda na renda disponível, um fator importante para apressar a desaceleração econômica e, eventualmente, transformá-la em recessão. Por enquanto, admitiu, não existe a recessão, já que a produção continua crescendo, mas, num contracionismo forte na política monetária, com juros semelhantes aos do início do ano (que caíram em março), o processo recessivo seria inevitável.

Pastore recomendou um grande esforço de negociação externa e assinalou que embora as exportações tenham mostrado uma inversão positiva, a tendência é que os superávits comerciais continuem baixos nos próximos meses. "O dramático é que, levada a situação às últimas consequências, o governo, para obter o superávit, terá de fazer a recessão", prognosticou.

O presidente nacional do Ibef, Getúlio Arrigo, previu que, a persistir a crise cambial, "grande parte das indústrias irá parar por falta de insumos importados".